

Recursos de transitividade e avaliatividade na construção de representações nas fábulas “O velho e a morte”, de Esopo, e “O miserável e a morte”, de Millôr Fernandes

Gessélda Somavilla Farencena*
Cristiane Fuzer**

Resumo

Neste trabalho, tendo como base a Linguística sistêmico-funcional, são analisadas duas fábulas: “O velho e a morte”, de autoria atribuída a Esopo, e “O miserável e a morte”, versão reescrita por Millôr Fernandes, com o objetivo de verificar como as escolhas linguísticas representam os personagens principais no par de fábulas em questão e qual a relação dessas representações com os contextos de produção dos textos. Nesse sentido, são utilizados aspectos teóricos do sistema de transitividade de Halliday e Matthiessen (2004) e do sistema de avaliatividade de Martin e White (2005) e da noção de representação social de Moscovici (2009). Desta análise concluímos que, em ambas as fábulas, se sobressai o uso da linguagem como recurso para livrar-se da morte, ainda que sem êxito, pelo menos em Millôr Fernandes, visto que o *velho* acaba

morrendo. A partir disso, inferimos a importância e a representação atribuída à linguagem por Esopo e Millôr como uma ferramenta de defesa e de possível mudança de comportamento.

Palavras-chave: Fábula. Linguística sistêmico-funcional. Representação.

* Mestra em Estudos Linguísticos pela UFSM em 2011. Tutora de Latim do curso de Letras (UFSM/ EAD) desde 2008 e professora de Língua Portuguesa no ensino fundamental. E-mail: gesseldaf@yahoo.com.br

** Doutora em Letras, área de concentração Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal de Santa Maria, com estágio de Doutorado na Faculdade de Letras na Universidade de Lisboa, em Lisboa, Portugal. Professora Adjunto do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM. E-mail: crisfuzer@yahoo.com.br

Introdução

Toda manifestação linguística, na concepção funcionalista de linguagem, é sempre resultado de um contínuo de escolhas semânticas dentre uma rede de significados possíveis da qual o indivíduo dispõe. Essas escolhas são determinadas pela função retórica do texto, pelo contexto e, embora normalmente não se tenha consciência, pelas representações sociais que norteiam o grupo ou a sociedade a que o falante/autor pertence.

Sendo assim, considerando que as representações manifestam-se no discurso, todo texto contém e reflete representações, sejam de experiências individuais, tanto no mundo externo (objetivo, material) quanto no mundo interno (subjetivo), sejam sociais, compartilhadas coletivamente. Desse modo, com este artigo, buscamos verificar como e quais representações são construídas e manifestadas pela linguagem em dois exemplares do gênero fábula: um texto originalmente atribuído a Esopo (“O velho e a morte”), outro uma releitura de autoria de Millôr Fernandes (“O miserável e morte”).

Com esse objetivo, adotamos como pressupostos teóricos teorias advindas da Linguística Sistêmico-Funcional, quais sejam: o sistema de transitividade de Halliday e Matthiessen (2004) e os subsistemas de atitude e gradação que integram o sistema de avaliatividade de Martin e White (2005), e a concepção de Representação Social de Moscovici (2009).

Antes de passarmos à apresentação e discussão dessas teorias, porém, fazemos a contextualização da fábula e dos fabulistas Esopo e Millôr Fernandes, a fim de os situarmos histórica e culturalmente. Na sequência, apresentada a metodologia adotada, passamos à discussão dos dados linguísticos encontrados na análise e, por fim, a algumas considerações finais acerca dos resultados obtidos.

Um pouco sobre a fábula

Originalmente, a fábula era um texto oral contado às pessoas em situações informais do dia a dia. Narrando situações vividas por animais, mas que aludem a situações humanas, explica Coelho (1984), a fábula tem por objetivo transmitir certa moralidade. Nas palavras de Sousa (2003), é uma obra “com o objetivo de explicar comportamentos e situações da vida prática cotidiana, chegando mesmo a sugerir soluções, principalmente no campo da convivência social”.

A fábula, de acordo com Smolka (1995), seria originária da Ásia Menor e, posteriormente, teria se espalhado pelas ilhas gregas, até chegar ao continente helênico. A primeira fábula grega conhecida, já como uma narrativa breve imbuída de um preceito de conduta, conforme Sousa (2003), é “O rouxinol e o falcão”, de autoria de Hesíodo, que teria vivido no século VIII a.C. Contudo, o surgimento e a criação da fábula não são atribuídos à Ásia nem a Hesíodo, mas à Grécia e a Esopo, a quem se atribui o título de “pai da fábula”.

Amplamente cultivado por Esopo, esse gênero resiste ao tempo e mantém-se vivo ao longo dos séculos, sendo produzido e reproduzido por outros autores, dentre eles o brasileiro Millôr Fernandes, que, além de livros, colunas e artigos, também se dedica à produção de fábulas, algumas das quais são releituras de fábulas esopianas.

Assim, para identificarmos os recursos léxico-gramaticais presentes nas duas fábulas analisadas, que são utilizados para a construção de diferentes representações da experiência humana, apresentamos, na sequência, as concepções teóricas que norteiam este trabalho. Inicialmente são feitas algumas considerações sobre a concepção de linguagem da linguística sistêmico-funcional e algumas de suas categorias de análise e, posteriormente, sobre representação social.

Linguística Sistêmico-Funcional

Usamos a linguagem para interagir com as pessoas e falar sobre o mundo, seja externo, como coisas, acontecimentos, seja interno, como pensamentos, crenças e sentimentos. Esse é um dos princípios fundamentais da teoria hallidayana.

Tomando a linguagem como um processo interativo e social, a Linguística Sistêmico-Funcional aborda a língua em uso, considerando tanto a fala quanto a escrita. Na sua base, conforme comenta

Caldeira (2006), a semântica se sobrepõe à sintaxe e o texto é explorado em relação ao contexto em que se insere, ou seja, a língua não é vista isoladamente.

Nesse sentido, na perspectiva funcionalista, a linguagem consiste em “um conjunto de sistemas de significação que fornecem ao escritor/falante meios para expressar significados” (BLOOR; BLOOR, 1995, p. 2). É por meio da linguagem, organizada como sistema instanciado em textos, que nos comunicamos, representamos ideias, sentimentos, expressamos opiniões, interagimos e agimos sobre os outros e sobre o mundo.

Sendo uma unidade real de comunicação, dotada de significado e produzida por um falante/escritor em uma situação de interação, o texto se dá sempre encapsulado por um contexto. O contexto, na teoria funcionalista, engloba um contexto de cultura associado a um contexto de situação. Estudado primeiramente por Malinowski (1923), o contexto de cultura corresponde, de acordo com Halliday (1989), às significações, aos valores e às ideologias de uma formação social. Constitui os conhecimentos institucional e ideológico que atribuem valor ao texto e condicionam sua interpretação.

No contexto de situação, composto por campo, relações e modo, concentram-se os componentes fundamentais para que a língua exerça sua função, que é significar e comunicar/compartilhar tais significados. Essas três variáveis determinam como os significados serão construídos, pois cada uma dessas va-

riáveis relaciona-se, respectivamente, a uma das três metafunções básicas da linguagem definidas por Halliday e Matthiessen (2004): ideacional, interpessoal e textual.

Cada uma dessas metafunções, de acordo com suas características e objetivos, engloba um dos três sistemas que constituem a Gramática Sistêmico-Funcional: sistema de transitividade; sistema de MODO; sistema de Tema-Rema.

A metafunção ideacional, sendo ligada ao uso da língua enquanto representação, manifestação de experiências no mundo, realiza-se, na léxico-gramática, pelo sistema de transitividade. É por meio de processos (grupos verbais), acompanhados por participantes (grupos nominais), em determinadas circunstâncias (grupos adverbiais ou preposicionais), que experiências constituem-se, materializam-se no discurso. Neste trabalho concentramo-nos no nível léxico-gramatical, a partir do qual buscamos compreender o contexto.

A metafunção interpessoal, por sua vez, responsável por permitir o estabelecimento de relações entre os indivíduos, realiza-se, na léxico-gramática, pelo sistema de MODO.¹ Segundo Halliday e Matthiessen (2004), MODO é o sistema gramatical que organiza o evento comunicativo e interativo e diz respeito aos modos declarativo, interrogativo, exclamativo e imperativo.

Nesse sistema, a polaridade envolve a oposição positivo/negativo. Tipicamente, a polaridade positiva é não marcada, enquanto a polaridade negativa é marcada,

realizada por um elemento adicional localizado próximo ao verbo. A modalidade, por sua ordem, se constrói na região da incerteza, da probabilidade e, a partir desse sistema, desenvolve-se a teoria da avaliatividade.

Como este trabalho objetiva analisar o funcionamento linguístico no processo de representações nos textos, é preciso considerar o sistema que realiza significados ideacionais em articulação com elementos avaliativos. Por isso, a seguir, revisamos o sistema de transitividade, que permite a construção e manifestação de experiências humanas no discurso, e a subcategoria de atitude, pressupostos da teoria da avaliatividade utilizados neste trabalho que possibilitam identificar avaliações, verificar posicionamentos, manifestar valores e, por conseguinte, construir significados interpessoais.

Sistema de transitividade na Gramática Sistêmico-Funcional

Ao proferirmos uma mensagem, esta transmite um conteúdo que, segundo Thompson (2004), carrega uma finalidade, a qual é responsável, em grande parte, pelas escolhas que os indivíduos, na posição de autores, fazem dentre muitas alternativas que têm à sua disposição. Em outras palavras, a linguagem compreende um conjunto de recursos que permite referir-se ao mundo e às entidades que dele fazem parte, manifestando desde suas existências até as relações

que se estabelecem entre estas. Trata-se da metafunção ideacional da linguagem.

A metafunção ideacional divide-se em dois tipos: a metafunção experiencial, realizada pelo sistema de transitividade, e a metafunção lógica, que se realiza no complexo oracional. Segundo Halliday (1989), a metafunção experiencial é a função da aprendizagem e do pensamento e, por meio dela, é possível compreender a relação entre um processo e outro ou um participante e outro no texto.

Nesse sentido, a linguagem compreende um conjunto de recursos que permite referir-nos ao mundo, às entidades, e as experiências que dele fazem parte e representá-los. Essas representações são possibilitadas pelo sistema de transitividade, o qual fornece subsídios necessários para a identificação, classificação e análise das orações que as materializam em textos.

No sistema de transitividade, a oração é a unidade de análise e se constitui de três componentes: processo, participante e circunstância. A partir da escolha de um grupo verbal que realiza um determinado tipo de processo, serão determinados os papéis desempenhados pelos participantes, e vice-versa. Considerando que há seis tipos de processos – material, mental, relacional, verbal, comportamental e existencial –, diferentes participantes, conseqüentemente, serão nomeados.

Os processos materiais representam, segundo Halliday e Matthiessen (2004), ações físicas, cujo agente denomina-se

Ator, e o participante a quem a ação expressa pelo processo afeta, é denominado Meta. Em alguns casos, porém, além desses, outros participantes podem estar envolvidos, tais como o Escopo e Beneficiário.

Escopo é o participante não afetado pelo processo e divide-se, ainda, em Escopo-Processo e Escopo-Entidade. O primeiro ocorre quando o participante completa o sentido do processo (considerado “vazio” semanticamente), enquanto o Escopo-Entidade corresponde àquele que tem existência independente do processo, mas indica o domínio no qual o mesmo processo se realiza.

Já Beneficiário é o participante beneficiado de alguma forma pelo processo. O Beneficiário pode ser Recebedor, quando recebe um produto, ou Cliente, quando recebe um serviço. Beneficiário, no entanto, ressaltam Halliday e Matthiessen (2004), deve ser relacionado não apenas ao recebimento de coisas boas, mas também de coisas ruins.

Além dos materiais, há os processos mentais, que expressam o que se passa no mundo interno – cognitivo, afetivo, perceptivo e desiderativo –, no qual o participante dotado de consciência constitui o Experienciador (pode ser um ser humano ou o resultado de uma personificação). Aquilo sentido, observado ou compreendido é o Fenômeno. As orações mentais, conforme Halliday e Matthiessen (2004), em alguns casos, podem ter o Fenômeno representado também por outra oração, caracterizando

o Metafenômeno e o Macrofenômeno. O Metafenômeno ocorre quando o Fenômeno é representado por um fato; o Macrofenômeno quando o Fenômeno é representado por um ato.

As orações relacionais, como o nome sugere, estabelecem uma relação entre dois conceitos e podem ser de três tipos: intensiva, possessiva e circunstancial. Cada um deles pode apresentar-se em relações de caracterização ou identidade. A caracterização é realizada por orações relacionais atributivas, em que o Portador é quem carrega o Atributo a ele relacionado pelo processo.

A identificação é realizada por orações relacionais identificadoras, nas quais uma entidade é identificada em termos de outra. O Identificado é equiparado ao Identificador. Tipicamente, o Identificador é realizado por um grupo nominal definido ou, ainda, por outra oração também definida. Processos relacionais atributivos ou identificadores podem também ligar uma entidade à circunstância quando houver indicação de tempo, modo, lugar, causa, dentre outras.

As orações verbais envolvem processos de dizer realizados por um Dizente, que emite uma mensagem, denominada Verbiagem. Frequentemente, o conteúdo do dizer aparece em forma de outra oração, que pode ser uma Citação ou um Relato. Além de Dizente e Verbiagem, a oração verbal pode apresentar outros participantes, denominados Receptor e Alvo. O primeiro, segundo Halliday e

Matthiessen (2004), é apenas o destinatário do conteúdo do dizer, ao passo que o segundo é, de algum modo, afetado pelo conteúdo do processo de dizer.

Os processos comportamentais, por sua vez, articulam significados mentais e materiais e referem-se especificamente a processos fisiológicos de que participa um Comportante. Por fim, os processos existenciais, em número reduzido, representam algo que existe ou que acontece no mundo, o participante é denominado Existente.

Dado o exposto, a metafunção ideacional experiencial pode ser entendida como a responsável pela manifestação da experiência que o falante/escritor tem do mundo, tanto externo quanto interno à sua consciência, e está ligada ao uso da linguagem como representação, manifestação linguística acerca do mundo.

A seguir, abordamos a teoria desenvolvida a partir da metafunção interpessoal da GSF e proposta por Martin e White (2005) a teoria ou sistema da avaliatividade, mais especificamente, o subsistema de atitude e suas três categorias: afeto, julgamento e apreciação.

Sistema de avaliatividade

Voltada ao universo das avaliações subordinadas a valores sociais e morais, a julgamentos e manifestações subjetivas de afeto, está a teoria da avaliatividade, originalmente *Appraisal System* ou *Appraisal Theory*. Desenvolvida por pesquisadores da escola de Sidney,

Martin e White (2005), essa teoria teve suas bases e seu desenvolvimento no interior da Gramática Sistemico-Funcional (GSF) de Halliday, mais especificamente, na metafunção interpessoal da linguagem, envolvendo aspectos de polaridade e modalidade.

O sistema de avaliatividade² interessa-se pelas funções sociais dos recursos linguísticos utilizados por falantes/escritores. Porém, esse sistema vê esses recursos não apenas como formas de expressar sentimentos e opiniões, “mas como meios que permitem que os indivíduos adotem posições de valor determinadas socialmente, e assim se filiem, ou se distanciem, das comunidades de interesse associadas ao contexto comunicacional em questão” (WHITE, 2004, p. 177).

Assim, a avaliatividade, de acordo com Martin e White (2005), preocupa-se com a presença subjetiva de escritores/falantes em textos, como eles se posicionam em relação a si mesmos, ao que apresentam e em relação aos outros – como aprovam ou desaprovam, admiram ou abominam, aplaudem ou criticam e como constroem seus ouvintes/leitores. Dedicase, ainda, a como os textos são construídos, aos mecanismos linguísticos utilizados para compartilhar sentimentos, valores, emoções, gostos e avaliações e como escritores/falantes constroem sua identidade ou *persona* autoral e também sua audiência intencional ou ideal.

Nesse sentido, Martin e White (2005) dividem o sistema de avaliatividade em três subsistemas que se relacionam

com essas questões e contribuem para verificá-las linguisticamente: atitude, engajamento e gradação que, por sua vez, subdividem-se em categorias semânticas, tipos e subtipos.

O engajamento, de acordo com Martin e White (2005), refere-se aos recursos linguísticos usados pelos autores, na oralidade e na escrita, para adotar uma postura em relação às posições de valor que estão sendo referenciadas pelo texto, ou seja, analisa-se como os interlocutores se posicionam e se inter-relacionam por meio de recursos de expansão ou contração dialógicas em discursos heteroglóssicos.

O subsistema de gradação, de acordo com Martin e White (2005), é central para o sistema de avaliatividade, pois perpassa os outros dois subsistemas (de engajamento e de atitude). Para os autores, a gradação atenta para a classificação de fenômenos em que sentimentos são reforçados e categorias são atenuadas. Esse subsistema oferece recursos que se dividem em dois eixos de escalaridade: para intensificação (força) e para ajuste (foco), ambos relacionados ao grau de modulação (obrigação ou inclinação) dos significados.

A força, conforme Martin e White (2005), corresponde à gradação relativa à intensidade e quantidade de categorias que envolvem avaliações essencialmente escalares em termos de positivo ou negativo ou avaliações relacionadas a tamanho, vigor, extensão e proximidade, por exemplo.

Para Martin e White (2005), o outro eixo desse subsistema, o foco, corresponde à gradação feita em termos de prototipicalidade, da precisão dos limites de uma categoria que a torne instância exemplar de determinada categoria semântica. O foco avalia quanto à tipicidade das categorias que, na perspectiva experiencial, não são escaláveis. No eixo do foco, é possível aprofundar ou superficializar a especificação, aproximando a categoria avaliada da essência, do típico, ou distanciando-a, tornando-a uma espécie.

O terceiro subsistema – atitude – relaciona-se, conforme White (2004), às várias possibilidades que escritores/falantes utilizam para fazer diferentes avaliações, positivas ou negativas. É composto por três categorias semânticas: afeto, julgamento e apreciação.

O afeto liga-se às questões emocionais e é expresso, tipicamente, por atributos (epítetos, nomes, circunstâncias), processos (grupos verbais), adjuntos comentários ou nominalizações.

O julgamento é o campo de significados por meio dos quais se constroem posições de aprovação ou condenação do comportamento humano. Relacionam-se diretamente às avaliações morais acerca do comportamento humano, feitas, por sua ordem, com base em um sistema específico de aceitabilidade e de normas sociais.

A categoria de julgamento desenvolve-se em torno de dois tipos: julgamento de sanção social e julgamento de estima

social. Consoante White (2004), o primeiro refere-se a normas em razão das quais determinadas atitudes podem constituir crimes, do ponto de vista jurídico, ou pecados, do ponto de vista religioso, cujas punições seriam severas, institucionalizadas. Já no julgamento de estima social, possíveis deslizos não caracterizariam pecado ou crime.

Esses dois tipos, sanção social e estima social, dividem-se ainda em subtipos, constituindo uma taxonomia própria para cada um. Em comum, há o fato de que as avaliações podem ser feitas tanto positiva quanto negativamente. Conforme White (2004), os julgamentos de sanção social dizem respeito à veracidade (quão verdadeiro ele é) e à propriedade (quão ético, correto, ele é). Os julgamentos de estima social estão ligados à normalidade (quão normal, usual ele é), à capacidade (quão capaz ele é) e à tenacidade (quão decidido, confiável ele é).

Por fim, a apreciação corresponde ao campo dos significados utilizados para atribuir valores positivos ou negativos acerca de pessoas, animais, fenômenos e produtos do trabalho humano. Segundo White (2004), a apreciação divide-se em três tipos: a avaliação, que se refere ao modo como reagimos às coisas (chamam nossa atenção? nos agradam?), à composição das coisas (equilíbrio e complexidade) e aos seus valores (inovadoras, eficazes, importantes etc.).

Dado o exposto, o sistema de avaliação, em especial os subsistemas de

gradação (em termos de força) e de atitude (no que se refere a manifestações de julgamento, afeto e apreciação), permite construir e manifestar avaliações em diferentes níveis e, com isso, gerenciar relações interpessoais. A partir desses recursos linguísticos e semânticos, por conseguinte, diferentes representações são construídas, dentre elas representações sociais.

Representação social

Inevitavelmente, cada um de nós tem sempre ao seu entorno um mundo de palavras, imagens, ideias, crenças, valores, pessoas e coisas. Tudo isso, de acordo com Moscovici (2009), tendo como pressuposto as considerações de Durkheim, muitas vezes sem que percebamos, interferem em nosso modo de ser, agir, expressar e pensar. Do mesmo modo, outras pessoas são sensibilizadas, compartilhando ou não conosco das impressões que fazemos.

Essas impressões são representações, de acordo com Jodelet (2001, p. 22), “formas de conhecimento socialmente elaboradas e partilhadas que colaboram para a construção de uma realidade comum a determinado grupo social”. Elas regulam nossa relação com o mundo, com a sociedade e o modo como nos construímos e construímos o outro.

As representações sociais, para Moscovici (2009), devem ser entendidas como uma maneira específica de compreender e comunicar aquilo que já conhecemos

construindo significações e transformar algo não familiar em algo familiar. Passam a ser compartilhadas coletivamente e, então, a construir realidades. Assim, ressalta o autor, as representações convencionalizam objetos, pessoas ou acontecimentos, definindo-os e localizando-os em determinada categoria. Aos poucos, transformam-nos em modelos compartilhados por algum grupo social, daí serem representações sociais.

De acordo com Moscovici (2009), representar implica, necessariamente, um sistema de classificação e de denotação, com alocação de categorias e nomes. Nesse sistema, a “neutralidade é proibida, pela lógica mesma do sistema, onde cada objeto e ser devem possuir um valor positivo ou negativo e assumir um determinado lugar em uma clara escala hierárquica” (MOSCOVICI, 2009, p. 62).

Em vista disso, as representações sociais são geradas por dois processos fundamentais: ancoragem e objetivação. A ancoragem, segundo o mesmo autor, consiste em transformar algo estranho (ideia ou objeto) em algo comum. Para isso, aquilo que causa estranhamento é associado a categorias e contextos familiares que se julgam apropriados, prototípicos. Com isso, é possível classificá-lo, nomeá-lo e compreendê-lo. A objetivação, conforme o mesmo autor, consiste em transformar algo abstrato em algo concreto ou, pelo menos, quase concreto, perceptível. “Objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito

em uma imagem” (MOSCOVICI, 2009, p. 71-72).

No entendimento de Guareschi (2010), representações sociais se referem à construção e transformação dos saberes sociais relacionados a diferentes contextos. Esses saberes, trazidos na e pela vida diária, constituem, então, o fenômeno das representações sociais. Desse modo, enquanto fenômeno, as representações se constituem de realidades psíquicas, mentais e imateriais, por um lado, e de realidades sociais, por outro. Assim, salienta o autor, representamos, em outras palavras, construímos, reconstruímos e atribuímos sentido a realidades tanto materiais quanto imaginárias.

As representações, como observam os autores mencionados acima, são construídas e manifestadas no discurso.

Este realiza-se em texto que, por sua vez, instancia um gênero textual. Consoante a isso, neste trabalho, busca-se verificar como as representações se manifestam linguisticamente em um gênero específico: a fábula.

Metodologia

Com o intuito de verificar como são dadas as representações construídas ou reproduzidas por meio dos recursos linguísticos na fábula “O velho e a morte”, de Esopo, extraída da coletânea *Esopo: fábulas completas* (SMOLKA, 1995), e na fábula “O miserável e a morte”, de Millôr Fernandes, presente em *Novas fábulas fabulosas* (FERNANDES, 2007), utilizamos as categorias de análise esquematizadas na Figura 1.

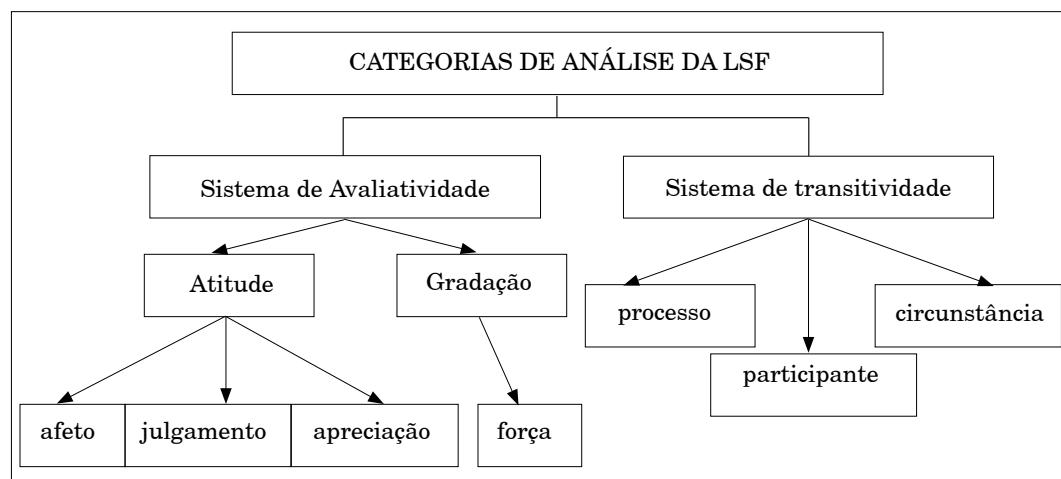


Figura 1 - Categorias de análise

Previamente à análise dessas categorias, elaboramos algumas questões para nos orientarmos, quais sejam:

- Quais são os participantes envolvidos nos processos?
- Que papéis os participantes desempenham nos diferentes tipos de orações?
- Que avaliações são feitas e de que natureza?
- Que representações essas marcas linguísticas revelam?

Em busca das respostas a essas questões e com base nas categorias descritas, foram definidos os seguintes procedimentos de análise:

- descrição do sistema de transitividade de cada texto: identificação e classificação dos três componentes da oração (processo, participante e circunstância);
- descrição de ocorrências de atitude: identificação das marcas linguísticas e da natureza das ocorrências dentre suas categorias semânticas de afeto, julgamento e apreciação;
- descrição de ocorrências de gradação: identificação das marcas linguísticas de força;
- em cada fábula, análise conjunta dessas categorias para verificar como os significados são construídos e, conseqüentemente, que representações são manifestadas.

Cabe destacar que, ao longo das análises, serão utilizados os códigos [FE] e [FMF] para referir, respectivamente, a fábula de Esopo e a de Millôr Fernandes.

Análise de representações a partir de recursos de transitividade e de avaliatividade

Nesta seção apresentamos a análise linguística das fábulas “O velho e a morte” [FE], de Esopo, e “O miserável e a morte” [FMF], de Millôr Fernandes. Para isso, levamos em consideração a descrição dos sistemas de transitividade e avaliatividade em busca das representações construídas para os personagens principais e também para o contexto em que as fábulas foram produzidas.

“O velho e a morte” [FE]

A fábula [FE] “O velho e a morte” de Esopo tem seu início constituído por orações materiais que introduzem um dos personagens e as ações desenvolvidas por ele, como se verifica a seguir:

(1) *Um dia, [um velho] tendo cortado madeira, (2) um velho carregou-a nos ombros (3) e [um velho] pôs-se a andar por um longo caminho. [FE]*

Nas orações, *um velho* é representado como uma pessoa sofredora, que vive em condições severas. A apreciação *velho* acentua o fato de ser ator de processos que demandam um esforço relativamente grande. Em 1, mesmo sendo *velho*, precisa *cortar madeira*. Na oração 2, tendo novamente *madeira* como meta, além de *cortá-la*, precisa carregá-la usando

parte de seu próprio corpo, como indica a circunstância de lugar *nos ombros*. Na última oração, já com a madeira sobre os ombros, ainda *caminha por um longo caminho*, enfatizado pela apreciação *longo*.

Em seguida, essa representação construída inicialmente é reforçada, como evidenciam as orações:

(4) *Fatigado pela caminhada, [velho] depositou o fardo no chão (5) e [velho] chamou a morte. [FE]*

Além de *sofredor*, o Atributo *fatigado* acrescenta ao *velho* a representação de cansado que, juntas, terminam por representá-lo como desanimado, desiludido e desgostoso da vida, a ponto de ter a morte como Receptor de seu dizer. Do mesmo modo, essas mesmas estruturas léxico-gramaticais encaminham para a representação do *velho* como fraco, sem persistência e covarde que, diante das dificuldades, joga à *morte* a sua responsabilidade e espera que esta resolva seus problemas.

Justamente essa última representação parece ser a reforçada na sequência do texto. Ao ter seu pedido atendido com a aparição e questionamento da *morte*, então personificada nos papéis de Ator e Dizente, a representação construída em princípio para o *velho* é, de certa forma, atenuada diante da tentativa de distorcer o significado do pedido.

(6) *Como esta **aparecesse** (7) e [a morte] perguntasse por que ele a chamava, (8) o velho **disse**: “Para que levantes o fardo.” [FE]*

Na oração 8, o *velho*, na função de Dizente, tem seu dizer reproduzido como citação: *para que levantes o fardo*. Por um lado, se retomarmos a oração 4, a indicação é de que a *morte* não foi chamada com o intuito de que ele morresse, mas apenas para que fizesse o serviço dele, já que é agente de *depositou o fardo no chão*. Por outro lado, se considerarmos a oração 5, a indicação é de que o *velho* desistiu de viver, já que *chamou a morte*. Como Dizente, o *velho* verbaliza o desejo momentâneo diante do esforço a que se submetera.

Nesse sentido, o personagem *velho* se aproveita da ambiguidade presente em seu dizer para esquivar-se da *morte*. Assim, sua representação não é de desanimado, exaurido e desejoso da *morte*, e, sim, de quem espera que o livre de seus afazeres, realizando-os em seu lugar, e de quem, apesar das dificuldades, deseja viver, como é salientado na moral.

(9) *A fábula **mostra** que todo homem é amante da vida, mesmo que ela seja miserável. [FE]*

Na oração relacional atributiva, *todo homem* é caracterizado como *amante da vida*. Esse Atributo, que se constitui como uma marca de afeto, realizada lexicalmente pelo item *amante*, é colocado em relação de concessão com outra oração relacional. Dessa vez, o Portador passa a ser *vida*, caracterizada como *miserável*, que expressa uma apreciação negativa e, ao mesmo tempo, uma intensificação infusionada.

Reportando-nos a Esopo, poderíamos associá-lo ao *velho* de que trata a fábula. Conforme reporta Sousa (2009), capturado, vendido e escravizado, embora tivesse de carregar pesados fardos, trabalhando para seus senhores ou reis da época, por meio das fábulas, destaca Fedro (apud SOUSA 2003), procurava camuflar suas críticas, esquivando-se, desse modo, de punições e preservando sua vida, ainda que ela fosse sofrida.

Também podemos relacionar a representação do *velho* como quem tenta esquivar-se de seus afazeres e conferir-lhes a outrem ao fato de que, na época de Esopo e da suposta produção dessa fábula, tal como explica Sousa (2009), os escravos eram usados para realizar as tarefas dos seus senhores. Com isso, os homens livres podiam participar de atividades sociais e de lazer, enquanto seus servos cuidavam de suas obrigações.

“O miserável e a morte” [FMF]

Na fábula [FMF] “O miserável e a morte” de Millôr Fernandes, o princípio do texto dedica-se a apresentar o personagem principal da fábula. Para tanto, são utilizadas caracterizações e avaliações, como verificamos na passagem a seguir:

(1) *Um dia, um homem, um miserável, na verdade o mais miserável dos homens, [homem] não aguentando mais o peso do seu fardo, (2) [homem] cansado, frustrado e suado, gritou aos céus (3) [o homem] pedindo que a morte o livrasse de tanto sofrimento. (4) “Que tive eu na vida, senão angústia, dor e tédio? (5) Que tive eu, senão a casca do fruto, o podre do maduro, a lágrima que sobrou do riso alheio?”.* [FMF]

Nas orações 1 e 2, caracterizando o *homem*, os Atributos, que se constituem como apreciação (*cansado* e *suado*), intensificação infundada (*miserável*) e isolada (*mais*) e afeto (*frustrado*), representam o personagem como sofrido, fragilizado, o mais desgraçado de todos os homens, desanimando com sua condição e digno de piedade.

Nessa mesma oração, a experiência sentida pelo *homem*, ao realizar o processo mental polarizado negativamente (*não aguentar*), acentua sua representação inicial e leva-o ao extremo do desespero, como indica a oração 3.

Nessa oração, como Dizente, o *homem* verbaliza um pedido direcionado à *morte*. Num primeiro momento, o pedido – *livrá-lo de tanto sofrimento* – parece ser a consumação de sua representação inicial: não suportando mais sua vida sofrida, decide morrer.

Logo a seguir, porém, o significado do pedido relatado torna-se ambíguo, como ilustra a oração:

(8) *E, ainda mais definitivamente trágico: “Morte, me livra desta carga!”* [FMF]

Ao verbalizar a Citação *me livra desta carga*, novamente tendo a *morte* como Receptor, o *homem* sugere um novo significado para seu pedido. Ao se colocar como Beneficiário Cliente do processo *livrar*, que tem *desta carga* como Meta, somos levados a pensar que o desejo do *homem* não é morrer, mas apenas ter o *seu fardo*, objeto material, concreto, tomado pela *morte*, carregado por ela. Assim, sua representação não seria mais de desanimado e digno de piedade, mas de esperto e enganador.

Entretanto, após ter seu pedido parcialmente atendido com a aparição da *morte*, a ambiguidade é desfeita, revelando o real desejo do *homem*, evidenciado na passagem:

(9) *Mas, quando a morte, prestimosa e pressurosa como em todas as fábulas, **apareceu** subitamente à sua frente, radiosa e leve (11) o homem, apavorado diante da realidade, **saiu** pela tangente: (12) “Pois é, amiga, é como eu **disse**: gostaria que você me livrasse do meu fardo”. (13) E, imediatamente, [homem] **passou** para ela o saco de 80 quilos (14) que [homem] **tinha** nas costas. [FMF]*

Na oração 11, a marca de afeto expressa pelo Atributo *apavorado* representa o *homem* como surpreendido e assustado com a possibilidade de ter seu pedido atendido. Como a ambiguidade ainda permanece, o *homem* trata de desfazê-la, temendo o significado apreendido pela *morte*, então personificada, e sua consequente atitude.

Assim, ao ser questionado pela *morte* sobre o porquê do chamado, o *homem* *sai pela tangente*, como revela a oração material de que é agente. Então, novamente, realizando um processo material, passa para a *morte*, como Beneficiário Recebedor, sua meta: *o saco de 80 quilos*.

Desse modo, esses papéis léxico-gramaticais verificados atribuem ao *homem*, por um lado, julgamentos de tenacidade, representando-o como precipitado, imprudente e inconsequente, já que fica *apavorado* diante da morte, indicando que temia o que pudesse acontecer.

Por outro lado, julgamentos de capacidade e veracidade representam o *homem* como esperto e enganador, pois se aproveita da ambiguidade presente em seu dizer para enganar a *morte*, que verbaliza a Citação:

“(17) *com que então [homem] me **chamas** e, (18) na hora em que [a morte] **apareço**, (19) [homem] **usas** um lamentável truque linguístico, um jogo de palavras pueril (20) pra **fingir** que [homem] **querias** outra coisa de mim!?” [FMF]*

Os papéis léxico-gramaticais desempenhados pelo *homem* indicam, ainda, uma nova avaliação quanto à sua tenacidade, representando-o como preguiçoso, haja vista que não quer carregar o *fardo* e, consequentemente, quer se ver livre de seu serviço.

A *morte*, por sua vez, em princípio, é avaliada de maneira contraditória àquela que se tem socialmente – como algo triste e sombrio – à medida que

é avaliada positivamente pelas ocorrências de apreciação *radiosa* e *leve*. Entretanto, diante da atitude enganosa do *homem*, as avaliações direcionadas a ela são alteradas:

(15) “Ah, miserável!”, [a morte] **esbravejou** [...] (21) Pois bem, desgraçado, nunca mais me **verás**! (22) Te **condeno** a viver eternamente. (23) E [a morte] **desapareceu** como tinha surgido. [FMF]

Na oração 14, a *morte* é Dizente do processo *esbravejar*, indicando que as avaliações dirigidas a esta anteriormente (*radiosa* e *leve*) não se confirmam em seu comportamento. Nesse momento, a *morte esbraveja*, perde seu brilho e sua leveza. Enche-se de ira e fúria, tornando-se pesada, séria e escura, aproximando-se das avaliações que comumente se fazem para a *morte* – *triste e sombria* – razão pela qual se mantém, retomando Moscovici (2009), a representação social da morte como um fenômeno indesejável, principalmente na cultura ocidental.

Julgado negativamente quanto à sua veracidade (avaliação expressa pelo processo *fingir*), o *homem* é passível de ser condenado, como é confirmado na oração 17, em que a *morte* verbaliza a sua sentença: *viver eternamente*. Diante dessa condenação, o *homem* fica perplexo. Em virtude disso, na sequência, participa (direta ou indiretamente) de uma série de orações materiais que culminam com sua morte.

(24) *Aí o homem, ainda mais desesperado com a perspectiva de **viver** para sempre,* (25) [homem] **largou** o fardo ali mesmo, (26) [homem] **pegou** um táxi (27) para [homem] **ir** para casa e, (28) como **não podia deixar de acontecer**, o táxi **bateu** num poste, (29) depois [o táxi] **entrou** numa padaria, (30) depois [o táxi] **caiu** no canal do Manguê, (31) depois [o táxi] **invadiu** uma praia de banhistas, (32) **tendo** o homem **morrido** no desastre, (33) embora o chofer **tenha escapado** (34) e [o chofer] **continue** desaparecido. [FMF]

O atributo, *ainda mais desesperado*, que expressa apreciação e intensificação, revela seu estado diante da possibilidade de viver eternamente (oração 22) com seu sofrimento e seu fardo. Tendo isso em vista, se mostra covarde e, novamente, precipitado e inconsequente, como é ilustrado nas três orações seguintes.

Nas orações 25, 26 e 27, o *homem* é ator dos processos *largar*, *pegar* e *ir*. As ações resultantes da realização desses processos dão origem a outras, das quais participa de forma indireta. Tendo pegado o *táxi*, supõe-se que o *homem* esteja no interior do veículo quando, como Ator, o *táxi* realiza uma série de processos (*bater*, *entrar*, *cair*, *invadir*).

Todas essas ações realizadas pelo táxi assumem o papel de Existente, conferido pela oração (28) como **não podia deixar de acontecer** que estende seu significado existencial às demais orações que vêm na sequência, inclusive as orações 32, 33 e 34.

Nessas últimas, verificamos a consumação do desfecho da narrativa e tam-

bém da representação dos personagens. A oração 32 revela o final trágico do *homem*: embora tivesse se utilizado de *truques linguísticos* e *jogos de palavras*, não conseguiu escapar da *morte*. Afinal, como a própria *morte* avaliou, foram *lamentáveis* e *pueris* (oração 19), por isso não foram eficientes.

Assim, a representação resultante para o *homem* é dada por julgamentos negativos de capacidade a ele atribuídos, que o avaliam como tolo e ingênuo, pois acreditou que poderia enganar a *morte* e livrar-se dela. A *morte*, por sua vez, ativada como Ator e Portador (referida como *chofer*) nas orações 33 (*tenha escapado*) e 34 (*continue desaparecido*), é representada como imbatível, cruel e infalível.

Em resumo, essas duas representações, do *homem* e da *morte*, retomam uma representação natural e perpetuada social e coletivamente, portanto, uma representação social. Engana-se quem pensa que pode esquivar-se da *morte*. Todo ser vivo está sujeito a ela, ou seja, a morte é inevitável.

É preciso, no entanto, compreendê-la e aceitá-la, como é salientado na moral:

(35) *Moral: Saber morrer é o problema;*
(36) *que viver, qualquer um vive. [FMF]*

A oração comportamental presente na moral acima destaca que, quando se trata de viver, sempre se dá um jeito. Por maiores que sejam as dificuldades, ninguém (salvo raras exceções) quer morrer,

pelo contrário, todo mundo recorre a todos os meios possíveis para continuar vivo ou melhorar a vida que leva. Em contrapartida, quando o assunto é morte, é encarado sempre como um problema, difícil e triste, dada a representação social tradicionalmente cultivada para a morte, já discutida nesta análise.

Podemos relacionar essa moral também ao estilo irônico de Millôr Fernandes, conforme aponta Theodoro (2006). O *homem* (em função de ações realizadas pelo *táxi*) sofre sucessivos acidentes (*bate num poste, entra numa padaria, cai no Mangue*), mas não morre. Porém, após *invadir uma praia de banhistas*, ele morre (*tendo o homem morrido no desastre*). Já que a morte era inevitável, parece que o *homem* soube escolher a sua: morreu na praia e cercado de pessoas, dentre elas, mulheres, claro, revelando a ironia.

A esse fato, podemos relacionar, ainda, a representação social perpetuada na expressão “nadar, nadar e morrer na praia”. O *homem* tanto fez, carregou o *fardo*, tentou *sair pela tangente* e livrar-se da *morte*, mas acabou *morrendo na praia*.

Com relação ao desfecho da narrativa, essa fábula de Millôr Fernandes diverge em relação àquele da fábula esopiana. Em [FE], o *velho* apenas dizia à *morte* para que levantasse o *fardo*, podendo nos levar a pensar que não fora morto, enquanto em [FMF], independentemente de ter se arrependido e argumentado, o *homem* morre (*tendo o homem morrido no desastre*).

Reportando-nos ao contexto social de Esopo, se consideramos o *velho* como sendo um representante dos escravos e a *morte* como sendo representante dos senhores, homens livres e poderosos, essa divergência pode estar relacionada a uma questão prática e econômica. Quando um escravo esmorece diante de um serviço provavelmente é castigado, o que talvez possa ter acontecido no caso da fábula [FE], mas não é especificado. No entanto, matá-lo não seria uma alternativa inteligente, pois representaria um prejuízo ao seu dono, já que seria um a menos para trabalhar e, consequentemente, precisaria comprar outro.

Na sociedade de Millôr Fernandes, por sua vez, essa divergência pode estar relacionada à cultura individualista e capitalista e à abundância de mão de obra existente, cabe ressaltar, contratada mediante pagamento de salário. Visando a lucros sempre maiores, os empregados que não satisfazem à expectativa do empregador são demitidos. Numa cultura egocêntrica, em que é disseminada a representação social do “cada um por si”, infelizmente, há pessoas que não hesitam em matar quem o prejudica ou não o satisfaz.

Além dessa referência ao contexto social de Millôr Fernandes e da produção da fábula (não coincidente ao período de ditadura), outras podem ser percebidas ao longo do texto. Algumas marcas linguísticas presentes nas orações analisadas há pouco (orações 26 a 33) refletem aspectos do ambiente em que Millôr

vive: há *carro*, *táxi*, *poste* (pressupõe-se de energia elétrica), *padaria*, *praia com banhistas* e *canais*.

Além disso, essa sucessão revela também alguns traços característicos da escrita de Millôr Fernandes. A sequência de acontecimentos apresentados nessas orações foge da lógica esperada: tendo batido em um poste, provavelmente o *táxi* (o carro) não iria adiante, mas a sucessão de acidentes sugerem a insistência da morte em vitimar o homem. Em virtude disso, acrescenta humor à fábula, marca constante nos textos do autor, como destacam Oliveira e Lucena (2006) e o próprio Millôr, que se autodefine como *um humorista nato*.

Considerações finais

A verificação dos papéis léxico-gramaticais desempenhados pelos participantes dos processos nas orações que constituem as fábulas “O velho e a morte” de Esopo e “O miserável e a morte” de Millôr Fernandes, bem como dos recursos avaliativos empregados, contribuiu para a identificação de representações dos personagens centrais e também de representações sociais relacionadas aos contextos em que os textos foram produzidos.

Em ambas as fábulas, a posição de Ator de processos materiais assumida pelo personagem *velho* (*miserável*) representa-o, juntamente com manifestações de afeto, apreciações e julgamentos de capacidade, como frágil, desgraçado e,

por isso, digno de piedade. Além disso, essa posição de agente assumida pelo personagem desencadeia uma reação verbal. Justamente em torno dessa reação verbalizada principalmente por meio de Citações desenvolve-se a narrativa.

Nessas verbalizações, temos a alternância de agência entre o personagem *velho (miserável)* e a *morte*, ora como Dizente, ora como Destinatário. Em conjunto com marcas avaliativas, em especial expressões de afeto que contribuem para julgamentos de tenacidade e veracidade, esse recurso linguístico revela, então, a representação do *velho (miserável)* como inconsequente e medroso, por um lado, e como esperto e enganoso, por outro, que busca, na linguagem, argumentos para esquivar-se da *morte*.

A *morte*, por sua vez, inicialmente representada em [FMF], a partir de avaliações de afeto e apreciação, como tranquila e agradável; num segundo momento, passa a ser representada, ao ser ativada como Dizente de processos como *esbravejar* e verbalizar uma condenação direcionada ao *velho (miserável)*, apassivado como Alvo, por exemplo, tem sua representação como cruel e impiedosa, retomando, assim, sua representação social. Em [FE], essa representação social não é claramente retomada, visto que não se tem a confirmação da morte do *velho*.

Em ambas as fábulas, podemos afirmar que o uso da linguagem se faz presente como um recurso para livrar-se da morte, embora não tenha surtido o efeito esperado, ao menos em [FMF], já que o velho acaba morrendo. Disso podemos

inferir a representação tida da linguagem tanto por Esopo quanto por Millôr Fernandes como uma ferramenta de defesa e de possível mudança de comportamento.

Transitivity and Appraisal resources's in the construction of representations in "The old and death" of Aesop and "The miserable and death" of Millôr Fernandes

Abstract

In this work, based on the Systemic Functional Linguistics, two fables are analyzed: *The old and the death*, with authorship attributed to Aesop, and *The miserable and the death*, rewritten version by Millôr Fernandes, with the objective of verify how the linguistic choices in the lexical-grammatical and semantic-discursive levels represent the main character in the pair of fables in question and what are the relations of these representations with the contexts of production. Accordingly, of system of transitivity from Halliday & Matthiessen (2004), of system of Appraisal from Martin & White (2005) and of notion of Social Representation from Moscovici (2009) are used as theoretical. From this analysis, we conclude that, in both tales, stands the use of language as a resource to get rid of death, though without success, at least in [FMF], whereas the old man dies. From this we infer the importance attributed to language and representation by Aesop and Millôr Fernandes as an advocacy tool and can change behavior.

Key words: Fable. Systemic functional linguistics. Representation.

Notas

- ¹ De acordo com Halliday e Matthiessen (2004), MODO (todo em caixa alta) diz respeito ao sistema primário que realiza a metafunção interpessoal, ao passo que Modo (somente com inicial maiúscula) se refere a um dos elementos que compõem a oração quanto à sua estrutura interpessoal. O Modo é constituído de duas partes: o Sujeito (grupo nominal) e o Finito (grupo verbal).
- ² Neste trabalho, a partir deste ponto, para referir a avaliatividade e seus componentes, adotamos a tradução utilizada por Sartin (2010) no livro que aborda, em português, alguns aspectos da teoria. Assim, utilizaremos a seguinte terminologia: sistema de avaliatividade → subsistema (de atitude, de gradação e de engajamento) → categorias semânticas (afeto, julgamento e apreciação) → tipos (sanção social e estima social) → subtipos (normalidade, capacidade, tenacidade, veracidade e propriedade).

Anexo

[FE] O velho e a morte

Um dia, um velho, tendo cortado madeira, carregou-a nos ombros e pôs-se a andar por um longo caminho. Fatigado pela caminhada, depositou o fardo no chão e chamou a morte. Como esta aparecesse e perguntasse por que ele a chamava, o velho disse: “Para que levantes o fardo.”

MORAL: A fábula mostra que todo homem é amante da vida, mesmo que ela seja miserável.

[FMF] O miserável e a morte

Um dia, um homem, um miserável, na verdade o mais miserável dos homens, não aguentando mais o peso do seu fardo, cansado, frustrado e suado, gritou aos céus pedindo que a morte o livrasse de tanto sofrimento.

“Que tive eu na vida, senão angústia, dor e tédio? Que tive eu, senão a casca do fruto, o podre do maduro, a lágrima que sobrou do riso alheio?”. E, sentindo-se um tanto grandiloquente pra sua humilde posição social,

ajuntou: “Nunca dei uma dentro!”. E, ainda mais, definitivamente trágico: “Morte, me livra desta carga!”.

Mas, quando a morte, prestimosa e pressurosa como em todas as fábulas, apareceu subitamente à sua frente, radiosa e leve e lhe disse: “Pronto, amigo, aqui estou eu: que deseja de mim?”, o homem, apavorado diante da realidade, saiu pela tangente: “Pois é, amiga, é como eu disse: gostaria que você me livrasse do meu fardo”. E, imediatamente, passou para ela o saco de 80 quilos que tinha nas costas.

“Ah, miserável!”, esbravejou rindo a morte, “com que então me chamas e, na hora em que apareço, usas um lamentável truque linguístico, um jogo de palavras pueril pra fingir que querias outra coisa de mim!? Pois bem, desgraçado, nunca mais me verás! Te condeno a viver eternamente!”. E desapareceu como tinha surgido.

Aí o homem, ainda mais desesperado com a perspectiva de viver para sempre, largou o fardo ali mesmo, pegou um táxi para ir para casa e, como não podia deixar de acontecer, o táxi bateu num poste, depois entrou numa padaria, depois caiu no canal do Mangue, depois invadiu uma praia de banhistas, tendo o homem morrido no desastre, embora o chofer tenha escapado e continue desaparecido.

MORAL: Saber morrer é o problema; que viver, qualquer um vive.

Referências

- BLOOR, T.; BLOOR, M. *The functional analysis of English: a Halliday an approach*. London: Arnold, 1995.
- CALDEIRA, J. R. *A redação de vestibular como gênero: configuração textual e processo social*. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2006. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2006.

- COELHO, N. N. *A Literatura infantil: história, teoria, análise*. 3 ed. São Paulo: Quíron, 1984.
- FERNANDES, M. *Novas fábulas fabulosas*. Ilustrações de Angeli. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007. v. 1.
- GUARESCHI, P. Representações sociais, mídia e movimentos sociais. In: GUARESCHI, P.; HERNANDEZ, A.; CÁRDENAS, M. (Org.). *Representações sociais em movimento: psicologia do ativismo político*. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.
- HALLIDAY, M. Part I. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HALLIDAY, M.A.K. ; MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Arnold, 2004.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.
- MARTIN, J. R.; WHITE, P. *The language of evaluation: appraisal in English*. New York: Palgrave, 2005.
- MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Trad. de Gureschi, 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- OLIVEIRA, M. A.; LUCENA, I. T. de. Fábulas fabulosas: denúncia, história e memória. *Revista de Letras*, v. 1/2, n. 28, jan./dez. 2006.
- SARTIN, F. A. D. P. A. *Avaliação na linguagem: os elementos de atitude no discurso do professor*. São Carlos SP: Pedro e João Editores, 2010. v. 1. 139 p.
- SMOLKA, N. *Fábulas completas: Esopo*. São Paulo: Moderna, 1995.
- SOUSA, M. A. de. *Interpretando algumas fábulas de Esopo*. Rio de Janeiro: Thex, 2003.
- SOUSA, R. *A escravidão na Antiguidade Clássica*. 2009. Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com.br/historiageral/escravida-na-antiguidade-classica.htm>. Acesso em: 5 jan. 2011.
- _____. *As bases do estado autoritário*. 2009. Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com.br/historiadobrasil/as-bases-estado-autoritario.htm>. Acesso em: 5 jan. 2011.
- THEODORO, E. C. *Fábulas*. Projetos, 2006. Disponível em: http://www.rainhadapaz.g12.br/projetos/portugues/generos_textuais/fabulas/home.htm. Acesso em: 9 jan. 2010.
- WHITE, P. Valoração: A linguagem da avaliação e da perspectiva. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 4, n. esp, p. 178-205, 2004.